

COMO aconteceu depois da primeira guerra, vive hoje o mundo da filosofia uma fase de completa desordem e confusão. E' que os homens voltam dos campos de batalha inteiramente excitados e aturdidos pelos combates em que tomaram parte, pelas desgraças que viram, pelos momentos de perigo em que estiveram metidos. Contrastando com a calma matemática dos estados-maiores, que procuram traçar geométricamente os caminhos da vitória, tudo o mais na guerra é instinto, é nervo, é emoção. A coitada da razão, bem comportada e coerente, como que fica ausente durante todo o espetáculo. E o que aconteceu nêsse periodo de guerra continua ainda depois dêle.

Como pode alguém pregar uma filosofia puramente racionalista, intelectualista — como diria Radbruch — na qual o mundo é exatamente dividido pela razão sem deixar resto, momentos depois de um delírio de pura e completa loucura? A sensação que se tem é a mesma do dia seguinte a uma bebedeira, no qual o sonho se confunde ainda com a vigília, a claridade com a penumbra, a loucura com a lucidez. As coisas são vistas através de um espêsso nevoeiro, como na pintura dos impressionistas. Há pingos de água nas lentes dos filósofos. E êsses pingos de água fazem inertos os limites do mundo exterior e fazem embaciada a própria visão do mundo interior. E o que resulta daí é o pessimismo, intranquilidade, insegurança, neurose. Em uma palavra: angústia.

Já no fim da guerra passada, diz Piscator que em 1919, ao voltar das trincheiras, encontrou em Berlim em pleno alvorôco, o movimento de rebeldia dos dadaístas, que adotavam como lema "a arte é uma m...". Davava-se absoluta libertação aos sentimentos mais íntimos e às emoções mais secretas. Abandonava-se, como inútil e superficial, qualquer doutrina que se baseasse na lógica e na coerência. Era como a redescoberta dos instintos e do irracional.

Houve um insopitável surto do neo-romantismo, do pré-logismo, do intuicionismo. A inteligência, como instrumento de conhecimento lógico e racional, foi relegada para segundo plano. Na Alemanha vencida, principalmente, foi aceita uma filosofia consoladora de cabeça ôca, de desânimo e pessimismo. Foi a época de Spengler, de Keyserling, de Johannes Muller, de Rathenau. Viveu-se, então, uma fase puramente irracionalista da filosofia. Alcançaram êxito sem precedente a **Decadência do Ocidente**, de Spengler e o **Diário de viagem de um filósofo**, de Keyserling. No primeiro, se afirmava com uma ênfase tonitroante e irretorquível que o Ocidente já se encontrava na fase final de seu ocaso, como já havia acontecido a outras civilizações no passado. E através do seu engenhoso, mas falso, método de morfologia histórica, declarava o profeta de Munich que não havia jeito de se impedir êsse fim melancólico da nossa civilização. Tal facto teria que acontecer como alguma coisa de fatal e irresistível.

Enquanto isso se passava com a filosofia de Spengler, voltava Keyserling de sua viagem da China, e pregava igualmente o cansaço e esgotamento da filosofia européia. Só havia um caminho para a redenção da humanidade: volver sôbre os seus passos, abandonando as suas concepções racionalistas e teóricas, para se entregar de corpo e alma ao cultivo da própria personalidade, através de expedientes místicos. E para tal fundou a sua Escola da Sabedoria, de Darmstadt.

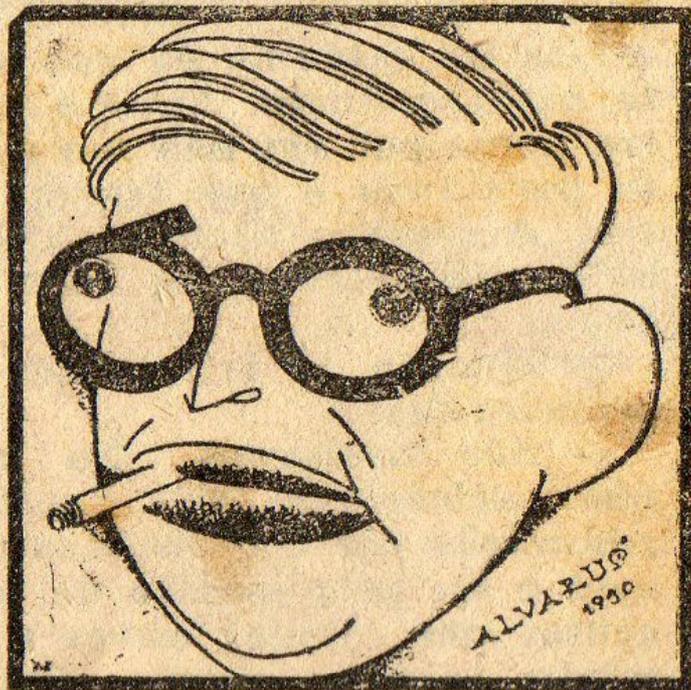
Agora, está acontecendo quase que a mesma coisa. Os personagens que vivem o drama são outros, e outros também são os sistemas filosóficos. Mas o que há de semelhante é a busca desesperada de um pensa-

mento consolador, de uma doutrina que venha trazer tranquilidade aos espíritos cheios de angústia do nosso tempo. Os livros que os mais velhos liam antes da guerra estão agora, se não totalmente queimados, pelo menos chamuscados em muitas páginas pela fogueira, que ainda crepita em algumas partes do mundo. E inegavelmente de tôdas as filosofias de após guerra é o existencialismo de Jean-Paul Sartre a que mais sucesso vem alcançando entre êsses espíritos em disponibilidade. E quase todos o são no momento.

Como comprovação do que escrevemos pouco antes, basta atentar-se na data de publicação da obra principal de Heidegger **Sein und Zeit**, que é de 1927. Outro grande existencialista francês, sucessor de Bergson e Le Roy na cátedra de filosofia do Colégio de França, Louis Lavelle, publicou os seus livros fundamentais **De l'Être e De l'Acte**, respectivamente, em em 1927 e 1937, nos quais se encontram muitas das idéias essenciais de Sartre em **l'Être et le Néant**, que é de 1943. Pois bem, mas somente agora, depois da guerra, é que o existencialismo passou a ser a filosofia da moda, assunto obrigatório de qualquer roda literária. Até mesmo Kierkegaard, que nunca deixou de ser estudado pela filosofia universitária, foi de repente descoberto pelos curiosos, passando a sua obra a ser motivo de exaustiva interpretação e apontada como precursora do atual movimento existencialista.

Como explicar-se tudo isso? Segundo Gabriel Marcel, outro filósofo existencialista, da cor-

rente cristã deve-se ao escandaloso sucesso de Jean-Paul Sartre não unicamente ao snobismo, nem ao prestigioso talento do autor, e sim “à confusão sem precedente em que se debate a juventude do nosso tempo, e em meio à qual êle aparece, com ou sem razão, como o



SARTRE

único que apresenta, senão uma solução (a palavra não convém aqui), pelo menos uma resposta às perguntas que atormentam os espíritos”. E é verdade. Em manifesto da escola, dissera Sartre de certa vez que o escritor deve abraçar os problemas de sua época, viver com êles, tomar parte ativa neles, ao invés de fugir dêles. A principal preocupação do escritor deve consistir no futuro da sua época, um futuro limitado que apenas se percebe. E, para êle, Sartre, pessoalmente, está ao lado dos que querem transformar ao mesmo tempo a condição social do homem e a concepção que êle tem de si mesmo. E como um pensador repre-

sentativo do seu tempo, é em Sartre que vamos encontrar o mais completo abandono e o mais desesperador niilismo do homem em face da vida. Tomando a tese de Heidegger, da angústia do "homem encontrar-se no mundo", acha que não há saída racional possível para o drama humano. A existência aí está diante de todos nós, mas em cada ato de escolha se encontra um motivo de angústia. O ter de decidir-se implica numa permanente fonte de sofrimento e de mal estar. E para tudo isso só há um prêmio a todo e qualquer esforço humano: o nada. E nos encontramos assim no âmago do mais cruel niilismo. Tudo é contingente e precário: "L'Être est sans raison, sans cause et sans nécessité", escreve êle nas páginas finais do seu livro principal. Em *La nausée*, livro de 1942, ainda é mais incisivo: "Tout existant nait sans raison, se prolonge par faiblesse, meurt par rencontre".

Como não podia deixar de ser, foi o niilismo de Sartre atacado por todos os lados. Contra êle se levantaram os católicos e os comunistas franceses. Os primeiros o atacavam como negador da própria realidade e do que há de sério nos empreendimentos humanos, além de ateu em seu existencialismo. Os segundos achavam-se politicamente inútil, fazendo o jôgo da reação através de um quietismo desesperador. Em sua defesa, escreveu Sartre um pequeno livro intitulado *L'Existentialisme est un humanisme*, datado de 1946.

E' curioso o que se passa com

êsse seu livro. A certos respeito, lembra muito a **Defesa de Lady Chatterley** de Lawrence ou a republicação de um texto de lei, por haver a primeira saído com alguns enganos. Expliquemo-nos: ao aparecer **Amante de Lady Chatterley**, depois de grande escândalo e interdição pela censura inglesa, foi Lawrence acusado de excesso de impudor de certas páginas, nas quais os encontros dos amantes eram descritos com excessivo realismo de detalhes, além de uma espantosa cruesa de termos. Na Defesa de sua Lady, Lawrence até parece um anjinho de ternura, católico, bem comportado, cheio de boas intenções. Qualquer semelhança entre os autores dos dois livros é mera coincidência. O santo de agora não lembra de jeito algum o pecador de ainda há pouco...

O mesmo acontece com a republicação dos decretos pelo governo. A pretexto de que a primeira publicação saiu com incorreções, faz o governo nova publicação de um decreto que só tem de comum com o anterior o número de ordem, nada mais. Modifica inteiramente o seu conteúdo, alterando-o em tôdas suas disposições.

E foi o que aconteceu com o último livro de Sartre. Aqui tudo é ordenado, justificado como o depoimento de alguém que presta contas. E vemos então, com surpresa, que o menino rebelde de ainda agora, acaba por adotar a mesma máxima do mais caturra dos moralistas de todos os tempos. Queremos nos referir a Kant, com o seu **imperativo categórico**.

Como é sabido, estabelece Kant — *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* — segunda seção, parágrafo 13 e seguintes — a distinção entre o imperativo hipotético e o categórico. É hipotético quando o comando moral enunciado pelo espírito vem subordinado a um fim que se quer atingir, ou pelo menos que se desejaria atingir: "Come sôbriamente se queres conservar a saúde". Mas é categórico, quando o espírito ordena sem condição alguma, revestindo-se aí da forma do dever moral: "Sê justo".

Para Kant, existe somente um único imperativo categórico na conduta moral, que é o seguinte: "Age sempre segundo uma máxima tal que possas querer ao mesmo tempo que ela se torne uma lei universal". Em outras palavras, age de tal modo que a tua ação possa servir de modelo para toda a humanidade.

Embora partindo de um ponto de vista diferente e com outros argumentos, é neste mesmo imperativo onde chega Sartre. Escreve Sartre em *L'Existencialisme est un humanisme*, (págs. 28-29) que o homem deve sempre ao agir perguntar-se a si mesmo: que aconteceria se toda a humanidade fizesse o mesmo? E depois, à pág. 31: "Sou obrigado a cada instante a agir por atos exemplares. Tudo se passa como se, para cada homem, tivesse a humanidade os olhos fixados no que ele faz e se pautasse no que ele faz. E assim cada homem deve dizer a si mesmo: sou eu quem tem o direito de agir de tal modo que a humanidade possa imitar os meus atos?"

E basta essa simples citação para nos convencer que o existencialismo de Sartre — pelo menos, nesta última fase — nada tem de licenciosidade, que tudo permite e justifica. Pelo contrário, faz de cada ato humano uma fonte de angústia, pela intransferível responsabilidade que cada um deve sentir em si, como se toda a humanidade ficasse em expectativa, vigiando-o, à espera da sua decisão, para erigi-la então em norma universal de conduta. E não poderia Sartre apresentar um atestado mais idôneo de seriedade filosófica do que esta surpreendente coincidência com Kant, o mais alto exemplo de desprendimento na história da filosofia moderna.